



MUNDI

CULTURA EM REVISTA

#06
outubro/2021
ISSN 2763-7670



ELAS NO PÓDIO

As mulheres à frente de grandes orquestras

TRETYAKOV

a arte do colecionismo russo em Moscou

MJÖLNIR

um conto de Gustavo Melo Czekster

GEOPOLÍTICA

O LEGADO DOS JOGOS OLÍMPICOS DE TÓQUIO

MODA

Ventarolas cariocas: as precursoras do "Made in Brazil"

ARQUITETURA

Casa das Canoas: a incrível residência do arquiteto Oscar Niemeyer

HISTÓRIA

Os últimos desdobramentos da crise no Afeganistão

LITERATURA

"O Mapeador de Ausências", de Mia Couto, na coluna de Milton Ribeiro



Lígia Amadio/Isabela Senatore OSUSP

- 7** **capa**
Elas no pódio
por Olinda Alessandrini
- 15** **arquitetura**
A Casa do Oscar
por Guilherme Essvein de Almeida
- 18** **radar**
A Geopolítica nas Olimpíadas de Tóquio
por Bruno Segatto
- 24** **arte**
Pavel Tretyakov: o colecionador
por Tiago Halewicz
- 34** **drops literários**
Mia Couto: O Mapeador de Ausências
por Milton Ribeiro, da Livraria Bamboletas
- 36** **bem-estar**
Arteterapia
por Claudia Morassutti
- 43** **modateca**
Ventarolas cariocas
por Renata Fratton
- 47** **cinema**
Amanda
por Carla Oliveira
- 50** **escrita criativa**
Mjölñir
conto de Gustavo Czekster

- 52** **na estrada**
Rio de Janeiro: novas experiências
por Chay Amorim
- 60** **viajante casamundi**
Rio de parapente
por Ana Paula Neri
- 62** **agenda**
67ª Feira do Livro
por Fernanda Dora
- 65** **agenda casamundi online**
- 66** **historicast**
Afeganistão e os 20 anos do 11 de setembro
por Emiliano Unzer e HistoriCast



quem fez

TIAGO HALEWICZ

Editor da MUNDI, Tiago Halewicz é diretor cultural e sócio da Casamundi. Como viajante, conduz grupos por todos os continentes, compartilhando o seu conhecimento multidisciplinar. É autor de dois livros e já realizou curadoria e organização de várias exposições, mostras de cinema e concertos.

✉ tiago@casamundi.com.br



CHAY AMORIM

Uma das sócias da Casamundi, Chay é apaixonada por tudo o que faz evoluir. Há anos busca ferramentas e terapias de autoconhecimento. Adora estar junto à natureza e praticar atividades ligadas ao bem-estar. Além de viajar, não abre mão dos seus momentos de relax ao fim do dia, de preferência na companhia de um bom chá ou um bom vinho. A Chay é curadora da coluna 750 ml, e ao lado da Fernanda Morassutti, da coluna Bem-estar.

✉ chay@casamundi.com.br



GUSTAVO CZEKSTER

Docente da Casamundi, Gustavo é advogado, formado em Direito pela PUC-RS, mestre em Letras (Literatura Comparada) pela UFRGS e doutor em Escrita Criativa pela PUC-RS. É palestrante na área de Literatura e ministrante de oficinas. É escritor, autor de dois livros de contos e vencedor de vários prêmios de literatura.

✉ gusczekster@gmail.com



OLINDA ALLESSANDRINI

Considerada uma das mais versáteis pianistas do país, conquistou vários Prêmios Açorianos pela dedicação e pesquisa sobre música brasileira e latinoamericana. Sua discografia apresenta 11 CDs solo, 14 CDs como pianista convidada e um DVD, "pamPiano", com direção do cineasta Caio Amon. Desde 2018 é responsável pela coordenação e apresentação dos recitais de música de câmara nos Festivais "Gramado in Concert".
Foto: Cristine Rochol.

✉ olindapiano@gmail.com



CARLA OLIVEIRA

Médica apaixonada por literatura e cinema, é membro do Sarau Literário Vera Gerzson, do Cineclube Academia das Musas e da ACCIRS.

✉ carla.oliveiradeoliveira@gmail.com



LUCAS DELWING

Mestrando em História, pesquisa temas relacionados à história do trabalho na Primeira República do Brasil. Começou o HistoriCast junto dos demais membros com o objetivo de construir um projeto de divulgação de conhecimento histórico e de história pública.

✉ lucasdelwing@gmail.com



GUILHERME ZABEL

Historiador licenciado e cursando bacharelado. Na universidade, participa do Projeto JOGAE, que visa o estudo e a confecção de jogos didáticos pedagógicos para o ensino da História. Trabalha como professor na rede privada e atua como docente na Casamundi. Além do HistoriCast, se dedica também ao DeuPPTI, uma iniciativa que oferta cursos e workshops para escolas e professores aprimorarem suas apresentações.
Foto: Uilliam Vargas.

✉ guilhermemzabel@gmail.com



FERNANDA MORASSUTTI

Curadora da coluna Na Estrada ao lado de Maria Virginia Ribeiro e da coluna Bem-estar ao lado da Chay, Fernanda sempre associou turismo e cultura ao seu trabalho. Curiosa desde cedo, já explorou os vários continentes, não deixando de conhecer intimamente o Brasil. Vivenciar novas culturas é uma paixão pessoal. Sócia e diretora comercial da Casamundi, desenha roteiros de viagem e cria produtos de turismo, incluindo as viagens dos grupos especiais da empresa.

✉ fernanda@casamundi.com.br



Ligia Amadio/Carlos Dossena

ELAS NO PÓDIO

As mulheres à frente de grandes orquestras

POR OLINDA ALLESSANDRINI

Antonia, uma Sinfonia: este é o título de um filme de 2018, dirigido por Maria Peters. O drama aborda as dificuldades e a força de vontade de uma mulher que insistentemente persegue seu sonho: ser reconhecida como regente de orquestra sinfônica. Baseado na vida de Antonia Brico (1902-1989) — nascida na Holanda e radicada desde criança nos Estados Unidos — o filme questiona a ausência de mulheres dirigindo orquestras. No final, a obra apresenta um quadro real da inexistência de mulheres em uma lista dos 50 maiores regentes do mundo. E eu ainda chamaria a atenção para essa ausência na pauta das grandes gravadoras.

Listas sempre são subjetivas, e os conceitos de “o melhor...” ou “o mais...” são altamente enganadores. Mas não podemos fechar os olhos à realidade. Mulheres regentes ainda são minoria, em pleno século 21.

Uma mulher pode ser eleita primeira-ministra. Pode administrar justiça nas supremas cortes e os sacramentos na igreja, mas não pode ser incumbida de uma orquestra sinfônica por cerca de duas horas.

Norman Lebrecht, *O mito do Maestro*



Antonia Brico regendo a Orquestra Filarmônica de Berlim em fevereiro de 1930. Nos anos seguintes, Brico trabalhou com importantes orquestras, como a Filarmônica de Nova York e a Sinfônica de São Francisco. Durante uma grande turnê pela Europa, onde atuou também como pianista, Antonia Brico foi convidada pelo compositor Jean Sibelius para reger a Orquestra Sinfônica de Helsinque./Foto: Bundesarchiv (CC-BY-SA 3.0)



A regente Priscila Bomfim à frente da Orquestra Sinfônica Brasileira no Theatro Municipal do Rio de Janeiro. Esse concerto foi realizado em homenagem às mulheres no dia 26 de março de 2019. No programa foram executadas obras de compositoras dos séculos 18 e 19, com destaque para a *Sinfonia nº 3*, de Louise Farrenc; a abertura da ópera *The Boatswain's Mate*, de Ethel Smyth; e a *Sinfonia em dó maior*, de Marianna Martines./Foto: Cícero Rodrigues

Na vida real, a recém-formada Antonia Brico chegou a trabalhar como regente assistente na Ópera de São Francisco, Califórnia. Continuou seus estudos em Berlim, e foi a primeira mulher norte-americana com o título de *Master class* em regência. Atuou frente à Orquestra Filarmônica de Berlim, com grande sucesso de público e de crítica. Ao retornar para os Estados Unidos, foi regente convidada em diversas orquestras. No filme é dada especial ênfase à criação da “Orquestra Sinfônica de Mulheres”. Com este título mesmo!

A ironia disto tudo é que se Antonia Brico fosse homem, não seria necessário escrever “o primeiro homem norte-americano com *Master class*, ou então “Orquestra Sinfônica de Homens”. Estaria implícito. Ou não?

O regente de uma orquestra pisa em seu pódio à frente de um grande número de músicos. Torna-se claro que ele transforma aqueles artistas em um instrumento seu. Com sua energia, conhecimento amplo, gestos e carisma inunda a sala de concertos com sons que existiam em sua imaginação e que agora proporcionam aos ouvintes uma experiência única.

Esse universo musical, por tanto tempo restrito aos homens, lentamente está abrindo novas possibilidades às mulheres, movimento iniciado a partir do início do século 20. Haveria uma resistência dos músicos homens a receber ordens de alguém que não seja do seu próprio gênero? Teria maior impacto perante o público se as mulheres regentes criassem orquestras constituídas somente por mulheres?

Antonia Brico é um exemplo. Assim como ela, outras regentes criaram orquestras só de mulheres, opção que provocava comentários irônicos por parte dos músicos homens.

Em Viena, a sobrinha de Gustav Mahler, Alma Rosé, dirigiu sua *Wiener Walzer Mädchen* (As moças das valsas vienenses). Na França, na década de 1930, Jane Evrard criou e dirigiu a “Orquestra das Fadas”. Em Londres, na mesma época, Kathleen Riddick formou a Orquestra Feminina de Cordas de Londres, financiada pelas próprias instrumentistas.



Austríaca de ascendência judaica, a violinista Alma Maria Rosé (1906-1944) foi deportada para Auschwitz durante a Segunda Guerra. Como detenta do campo de concentração, dirigiu a Orquestra Feminina de Auschwitz.

Uma das grandes incoerências neste sentido é a de que várias mulheres ocupam cargos importantes na administração e nos conselhos de sinfônicas e filarmônicas mundo afora. Nenhuma ousou empossar uma regente. Ainda hoje, em pleno século 21, poucas são convidadas a dirigir grandes orquestras. E muito menor é o número daquelas que assumem o cargo de Regente Titular e Diretora Artística nessas instituições.

Em um artigo escrito pela pesquisadora australiana Brydie-Leigh Bartleet, são levantados inúmeros aspectos comparativos entre mulheres e homens na atividade de regência. Apoiada em entrevistas, Bartleet tomou conhecimento de alguns pontos, tais como as mulheres serem avaliadas pelos valores e comportamentos masculinos. Poder, autoridade e liderança também são itens em questão, assim como seu vestuário, gesticulação e situação familiar. Tudo sempre avaliado sob a ótica masculina. Sua aceitação depende de inúmeros fatores que ultrapassam o talento e o profundo conhecimento musical. Entretanto, as mulheres sempre lutaram por seu lugar no pódio. No Brasil, no fim do século 19, Francisca Gonzaga aventurou-se a dirigir uma orquestra constituída especialmente para homenagear a Carlos Gomes, em uma das visitas do compositor ao país. Não era uma orquestra sinfônica. Em alguns artigos lê-se “uma orquestra de violões”. Seja como for, Chiquinha teve a honra de ser a primeira maestrina — ou maestra — brasileira.



A compositora e maestrina Chiquinha Gonzaga em 1877.

Há décadas, mulheres trilham seus caminhos em direção ao topo da música clássica. Enfrentam o peso dos estereótipos, recebem conselhos sobre “como lidar com o assédio masculino”, e até mesmo sugestões de “como vestir-se”.

Apesar disso, a cada dia, um grupo maior e mais forte de mulheres derruba barreiras num mundo dominado por homens: a regência orquestral. A seguir, apresento três regentes ligadas ao Brasil das quais devemos nos orgulhar pela trajetória e, sobretudo, pelo trabalho desenvolvido com as orquestras.



Priscila Bomfim/Cícero Rodrigues

PRISCILA BOMFIM

Priscila Bomfim é uma jovem regente e excelente pianista. Nascida em Portugal, graduou-se em Piano e Regência Orquestral na UFRJ. Atualmente, ocupa o cargo de maestra assistente da Orquestra Sinfônica do Teatro Municipal do Rio de Janeiro. É a primeira mulher e diretora musical a reger óperas na temporada oficial. Por sua batuta, passaram obras de Haendel, Bizet, Verdi, Gounod, Offenbach, entre outros grandes compositores. Foi uma das seis maestras escolhidas internacionalmente para participar da 4ª residência do Linda and Mitch Hart Institute para Mulheres

Regentes, do The Dallas Opera (Texas/EUA). Atualmente assumiu também como regente convidada da Orquestra Sinfônica Juvenil Carioca “Chiquinha Gonzaga”, formada por alunas da rede municipal de escolas do Rio de Janeiro, dentro do programa Orquestra nas Escolas.

Em agosto de 2021, Priscila Bomfim esteve à frente da OSPA no concerto Stravinsky 50. No repertório, além do balé Pulcinella, a maestra regeu obras de Ottorino Respighi e Johann Sebastian Bach. [Assista](#) ao concerto no canal da OSPA.



LIGIA AMADIO

Ligia Amadio/Isabela Senatore OSUSP

Ligia Amadio é uma das pioneiras entre as regentes no Brasil. Com uma sólida carreira, foi a primeira mulher em 30 anos a ser premiada no Concurso Internacional para regentes em Tóquio. Esse prêmio gerou convites de várias orquestras em Israel, Alemanha, França, Holanda, Tailândia, Líbano, República Tcheca, Eslovênia, Islândia e, também, na América Latina. Assumiu a regência titular e direção artística da Orquestra Sinfônica Nacional, no Rio de Janeiro, da Filarmônica de Mendoza e da Orquestra Sinfônica de Campinas. Atualmente está à frente da Orquestra Filarmônica de Montevideu, sendo a primeira mulher a ocupar este cargo.

Em 2016, fundou o movimento Mulheres Regentes, juntamente com um grupo de maestras brasileiras, formado por Claudia Feres, Vania Pajares e Érika Hindrikson. Esse projeto foi finalista, em 2019, do Prêmio de Inovação na conferência Classical: NEXT, realizado anualmente na Holanda. O simpósio reuniu 976 participantes de 36 países, promoveu 34 painéis e mesas, além de nove conferências individuais.

Em setembro de 2021, foi aclamada pelo público ao reger a OSPA. O concerto foi realizado em homenagem ao centenário de morte de Camille Saint-Saëns. Assista ao concerto no canal da Orquestra Sinfônica de Porto Alegre.



MARIN ALSOP

Marin Alsop/Grant Leighton

Marin Alsop é uma regente cuja carreira merece destaque por sua excelência e pioneirismo. No Brasil, deixou um legado de dinamismo e qualidade musical na Orquestra Sinfônica do Estado de São Paulo. Nascida em Nova York em uma família de músicos, fez sua formação na prestigiosa Juilliard School of Music. Em 1989 conquistou o prêmio Koussevitzky, no Tanglewood Music Center, onde também foi aluna de Leonard Bernstein. Em 2007 assumiu a direção musical da Orquestra Sinfônica de Baltimore, sendo a primeira mulher a comandar uma grande orquestra norte-americana.

Em 2012 foi escolhida como regente titular e assumiu a direção musical da OSESP, onde atuou até o final de 2019. Atualmente é a regente titular da Orquestra Sinfônica da Rádio de Viena (Radio Symphonie Orchester Wien), um posto prestigiado que, pela primeira vez, é ocupado por uma mulher.

Como regente convidada, Marin Alsop apresenta-se regularmente com a Filarmônica de Nova York, a Orquestra de Filadélfia, a Sinfônica de Londres e a Filarmônica de Los Angeles, entre outras.

Assista à Sinfonia nº 9, de Ludwig van Beethoven, com a OSESP sob a regência de Marin Alsop.

EDITOR

Tiago Halewicz

PROJETO GRÁFICO E EDITORIAL

Tiago Halewicz

Thirza Moreira

EQUIPE EDITORIAL

Chayenna Amorim

Fernanda Morassutti

Thirza Moreira

Tiago Halewicz

REVISÃO E PRODUÇÃO EXECUTIVA

Thirza Moreira

COLABORADORES

Bruno Segatto

Carla Oliveira

Fernanda Dora

Gabriel Giacomazzi

Guilherme de Almeida

Guilherme Zabel

Kelvin Silva

Lucas Delwing

Milton Ribeiro

Olinda Allessandrini

Renata Fratton

CAPA

Tiago Halewicz

Foto: Karen Almond / The Dallas Opera - Texas - EUA

IMAGENS

Pixabay, Unsplash, Creative Commons, Feira do Livro/Diego Lopes, Isabela Senatore, Carlos Dossena, Cícero Rodrigues, Grant Leighton, (c)2018 Nord-Ouest Films, Arte France Cinéma, Imovision e arquivos pessoais.

ASSINATURA

cultura@casamundi.com.br

Av. Borges de Medeiros, 2500/1909
CEP 90110-150 Praia de Belas
Porto Alegre - RS
casamundi.com.br/cultura
cultura@casamundi.com.br



 cultura@casamundi.com.br

 [+55 \(51\) 99151-6885](tel:+55(51)99151-6885)

 facebook.com/casamundicultura

 [@casamundicultura](https://www.instagram.com/casamundicultura)

 www.casamundi.com.br/cultura